

UMA GIRÂNDOLA PARA O RISO: A REJEIÇÃO DE FERNANDO PESSOA AO INTERSECCIONISMO

Caio Gagliardi
Universidade de São Paulo

Quase não há recanto na sua personalidade
que não tenha noutro recanto uma crítica justa, mas
também unilateral.

Saraiva & Lopes

*Ce qui a été cru par tous, et toujours, et
partout, a toutes les chances d'être faux.*

Paul Valéry

I

Se Max Brod tivesse dado ouvidos a Kafka e queimado sem ler os manuscritos que o jovem tcheco de língua alemã lhe deixara, e se de algum modo pudéssemos julgar essa atitude, não há dúvida de que o condenaríamos pela terrível perda que ela teria representado para a literatura do sec. XX. Mas Brod conhecia bem o lado autodestrutivo do amigo, tornou-se seu biógrafo e organizador de seu espólio, e Kafka um dos pilares da modernidade. Do mesmo modo, sabemos de Paul Demeny como aquele a quem Rimbaud pediu que queimasse seus poemas de 1870. Ou ainda da decisão de Otávio, veterano de César, e que assumira o título de Augusto após se tornar senhor único do Império, de impedir a destruição da *Eneida*. No testamento deixado, Virgílio, que tinha apenas terminado os cantos 2, 4 e 6 da epopéia, incumbia

dois de seus amigos de destruírem essa obra maior, por considerá-la imperfeita.

O que parece claro a esse respeito é considerar que nem sempre a opinião expressa por um escritor a respeito da própria obra deve ser levada ao pé da letra. É o caso, por exemplo, do posfácio, ao menos curioso, embora em tudo redutor, que Tolstoi escreve a uma de suas mais belas novelas, *A Sonata a Kreutzer*.¹ Delirante e megalomaniaco é, por outro lado, o que pensa Daniel Paul Schreber, um dos mais famosos pacientes de Freud, sobre suas *Memórias de um Doente dos Nervos*.¹ Amparado na crença de uma conexão nervosa com Deus, Schreber acreditava ter produzido uma das obras “mais interessantes já escritas desde que o mundo existe”. O livro tornou-se famoso devido ao conhecido estudo de Freud, intitulado “O Caso Schreber”. De modo mais relativo, Amiel, considerado um dos maiores moralistas do sec. XIX em língua francesa, pensava que das catorze mil páginas de seu *Diário Íntimo*,² seria demais se encontrassem ali quinhentas que valessem a pena ser lidas.

Chegamos, assim, ao tema deste estudo. Não deve ser novidade para o leitor interessado na poesia de Fernando Pessoa que, pouco tempo depois de ter escrito o poema “Chuva Oblíqua”, em 1914, o poeta manifestou uma contundente recusa do “processo” que o texto representa, a que se referiu e que teorizou como Interseccionismo. Esse relato é sempre comentado, e tem um importante papel na recepção do poema.

Mas se trata mesmo de uma recusa? Dentre críticos que perceberam a importância do Interseccionismo para o conjunto da obra pessoana, José Gil considera que a rejeição referida se destina apenas ao “Manifesto Interseccionista”, e não à técnica, ao estilo em si.² Pessoa, de fato, refere-se a um “Manifesto” em uma passagem de uma de suas mais célebres cartas, mas na maior parte das vezes diz apenas “Interseccionismo”, sem mencionar o manifesto, do qual, aliás, só se

¹ Schreber, Daniel Paul. *Memórias de um Doente dos Nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

² Gil, J. *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Lisboa: Relógio d' Água, s/d.

tem notícia, e não o texto. Assim, a rigor, a rejeição persiste. E, como veremos, persiste sobretudo devido ao alcance que essas afirmações do autor tiveram, às interpretações que sofreram e às repercussões que geraram. Parece-me, por isso, de suma importância atentar com maior especificidade para essa questão. É só encontrando contra-argumentos plausíveis para essa ação redutora disseminada pelo próprio poeta, que poderemos efetivamente superá-la.

Antes de se verificar até que ponto as declarações de Pessoa podem ter determinado uma atribuição de sentido a esse estilo de escrita, é preciso entender como se desenrola a objeção ao Interseccionismo nos termos de seu autor.

O interesse inicial que ela suscita pode ser sintetizado a partir de uma pergunta fundamental: de que modo essa rejeição é construída?

Segundo dois termos básicos.

O mais conhecido deles é uma declaração feita em carta que Pessoa envia ao poeta e amigo Armando Côrtes-Rodrigues, em que chama a atenção o tom agressivo e de deboche: “Passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer *épater*. Não me agarro já à idéia do lançamento do Interseccionismo com ardor ou entusiasmo algum.”³

Nessa mesma carta, Pessoa ainda afirma sobre o poema “Pauis” (depois intitulado em definitivo “Impressões do Crepúsculo”) e o referido “Manifesto Interseccionista” (cujo texto não se conhece): “... em qualquer uma destas composições a minha atitude para com o público é de um palhaço, hoje sinto-me afastado de achar graça a esse gênero de atitude.”

A mais rica manifestação dessa recusa é, no entanto, anterior a essa; trata-se de um manuscrito, que contém trechos já muito citados, e que transcrevo integralmente:

Hoje, ao tomar de vez a decisão de ser Eu, de viver à altura do meu mister, e, por isso, de desprezar a idéia do reclame, a plebéia sociabilização de mim, do Interseccionismo, reentrei de vez, de volta da minha viagem de impressões pelos outros, na posse plena do meu Gênio e na divina consciência da minha Missão. Hoje só me quero tal qual meu caráter nato quer que eu seja; meu Gênio, com ele nascido, me impõe que eu não deixe de ser.

Atitude por atitude, melhor a mais nobre, a mais alta e a mais calma. Pose por pose, a pose de ser o que sou.

Nada de desafios à plebe, nada de girândolas para o riso ou a raiva dos inferiores. A superioridade não se mascara de palhaço; é de renúncia e de silêncio que se veste.

O último rasto de influência dos outros no meu caráter cessou com isto. Reconheci — ao sentir que podia e ia dominar o desejo intenso e infantil de “lançar o Interseccionismo” — a tranqüila posse de mim.

Um raio hoje deslumbrou-me de lucidez. Nasci.⁴

O que parece conduzir os dois textos é a tentativa de desqualificar sumariamente o Interseccionismo pela sua associação com uma postura que seu autor entende como sendo indigna de si mesmo. Lendo mais atentamente o segundo trecho, o que, por um lado, contém a confissão de um exibicionismo superado, referido com a expressão “querer *épater*”, por outro indica mais precisamente uma atitude provocativa, a intenção deliberada de chocar o leitor português, de agitar um cenário cultural visto pelo poeta como estacionário. Não se ignora, a propósito desse comentário, a celeuma provocada em Lisboa pela revista *Orpheu*, de cujo segundo número consta “Chuva Oblíqua”. Pessoa chama essa sua atitude, ou seja, a de escrever e publicar o poema, ou o manifesto, ou ambos (“Chuva Oblíqua” é, inclusive, normalmente lido como um poema-manifesto), de “plebéia sociabilização de mim”.

É importante que se perceba que a rejeição ao Interseccionismo está sustentada em bases não-literárias. É que o poeta procura fazer crer que, a partir de determinado momento de sua vida, passa a se enxergar como indivíduo criador de um modo aparentemente mais claro e diverso do que o de antes. A imagem do poeta está, nesses termos, associada à noção de ofício criador, que, a seu ver, tem a função de civilizar a humanidade, de contribuir, em síntese, para a sua elevação espiritual. Não se trata apenas de deleitar, mas de associar ao prazer intelectual uma

finalidade precípua ao fazer poético. Essa finalidade não significa, como talvez se possa pensar, que Pessoa assuma uma concepção utilitarista de arte, no sentido de que ela possa ser motivada por objetivos práticos. O que passa a freqüentar seus escritos teóricos a partir desse momento é a idéia de que através da poesia o indivíduo, a sociedade, melhoram. Essa formulação é bem pouco produtiva do ponto de vista crítico, mas nos interessa compreendê-la porque uma vez que a atividade poética é entendida como uma atividade social, e não mais individual, Pessoa valida uma outra noção, a de demanda poética. Apesar dessa reflexão ser posterior à escrita de “Chuva Oblíqua”, muitos críticos entendem ser o caso de se ler, não só esse poema, como a poesia do autor, segundo parâmetros teoricamente pré-definidos. Mas nesse momento o que nos importa é entender como essa noção opera em seu texto. Ali, ela é o fundamento da argumentação para a objeção formulada. Mais especificamente, se existe uma demanda poética nova, articulada pelo próprio Pessoa, tudo o que veio antes dela, ou seja, a poesia que foi escrita à sua revelia, seria relegada a uma espécie de limbo. Pessoa sublinha, nesse caso, a poesia interseccionista, que, diante desse quadro, é descrita como “exibicionismo” e “sociabilização”, no sentido de fazer-se notar por mera provocação.

Chamo ainda a atenção para os termos “exibicionismo” e “sociabilização”, pois eles apresentam uma mesma conotação específica. Sustentar com eles a recusa de uma poética fornece a indicação de que essa poética não é própria de Pessoa, mas exterior a ele, ou então, que se identifica com uma personalidade que ele não reconhece como sua. Vem a propósito atentar para a frase que reforça esse sentido, em que o poeta diz ter retornado de sua “viagem de impressões pelos outros”. Dos vários sentidos que imagino que se possam identificar na expressão, creio que o mais plausível é o que remete à procura de si mesmo através dos outros, isto é, à idéia de que os outros nos permitem desenvolver um sentimento de identidade ao nos devolver uma impressão, uma imagem nossa. O momento interseccionista seria, portanto,

marcado pela tentativa de fixar uma identidade a partir das reações provocadas nos outros. À luz dessas considerações, a poesia escrita nesse período acaba sendo reduzida a mera experimentação sem frutos.

Sucede que, quando o poeta afirma ter desistido desse processo de autoconhecimento através dos outros, ou da escrita para os outros (dirigida para “fazer pasmar”, como ele diz), está partindo de um propósito específico. Pessoa diz se sentir “superior” à sociedade em que vive, e que essa superioridade não reconhecida resulta em recolhimento, ou seja, em “renúncia” e “silêncio”. O adjetivo empregado para qualificar a procura (já antiga, portanto) de si mesmo fora de si é “plebéia”. Simplificadamente, a partir desse recolhimento, Pessoa passaria à sondagem de si mesmo de modo menos, digamos, extrovertido, ao se fechar em seu mundo interior. Essa descrição faz supor que esse processo tivesse tido início apenas nesse momento, e que, como resultado dessa reação, teriam surgido os heterônimos.

Surpreende-se, por isso, um propósito claramente teleológico na recusa do Interseccionismo, que é o de lançar luz sobre um novo estágio dessa obra, o da poesia heteronímica. A recusa acaba funcionando como um divisor de águas para a poesia. Diante desse modo de pensar, não podemos encará-la como confissão. Trata-se de uma *construção*. E essa construção tem se mostrado eficiente por apresentar até hoje um efeito persuasivo muito forte sobre a crítica, resultando num constante rebaixamento do Interseccionismo, que passa a ser posto à luz da poesia que o sucede.⁵

II

A atenção sobre esse aspecto da obra abre brechas para uma leitura um tanto diferente, e que produz evidências mais significativas do que a leitura dominante dessa recusa.

Em geral, a descrição mais recorrente do Interseccionismo padece de um mesmo mal, que consiste na atribuição de teor de verdade ao conteúdo expresso nas cartas de Pessoa, ou seja, na assunção desses mesmos termos e, conseqüentemente, da abordagem pautada na intenção do autor.

A dilatação desse tipo de discurso epistolar se deve a três obras clássicas de sua fortuna crítica. O pontapé inicial e a sua configuração geral são dados pela orientação evolutiva da crítica de João Gaspar Simões, que segue a linha parafrásica.

O núcleo de força persuasiva no discurso de G. Simões é, a meu ver, bem claro de ser identificado. Está, precisamente, na estrutura evolutiva poético-espiritual que o orienta. A referida recusa aparece para o crítico como momento de tomada de consciência de Pessoa, de amadurecimento intelectual, reduzindo, assim, o Interseccionismo a aspecto incidental na obra. Essa evolução encontraria paralelo na tentativa de unificar os “elementos divergentes do seu caráter susceptíveis de harmonização”. Ora, essa unificação, a que o crítico se refere, aponta precisamente para a criação dos heterônimos; ali os elementos susceptíveis de harmonização dariam origem a novas personalidades literárias. Segundo G. Simões, Fernando Pessoa “ia transcendendo o ‘paulismo’ e repudiando o ‘interseccionismo’ e entrevira, portanto, o horizonte da sua possível ‘sinceridade literária...’”⁶ Daí o crítico julgar essa fase pré-heteronímica da poesia de Pessoa, sempre em tom pejorativo, como “artificial”, “cerebral”, “pouco espontânea” e excessivamente “programática”.

Há dois autores que se empenham com especial atenção para superar a abordagem psico-biográfica que G. Simões faz de Pessoa. Não produziram textos fundamentais sobre o tema aqui tratado, mas são dignos de menção, porque exemplificam o efeito de apagamento que as declarações de Pessoa e o *Vida e Obra*, de G. Simões, geraram sobre o resto da crítica. O que de certa forma consegue superá-lo, embora sem deixar de repetir em muitos momentos o mesmo

psicologismo explicativo de seu antecessor, é Eduardo Lourenço.

Lourenço, no entanto, não dá atenção ao Interseccionismo, está bem mais interessado nos heterônimos, e procura surpreender uma filiação não declarada de Caetano a Whitman; algo que, segundo ele, Pessoa tentara velar, freudianamente (e daí um exemplo do tipo de explicação constante em G. Simões), atribuindo-a a Campos.⁷

Adolfo Casais Monteiro, companheiro de geração de G. Simões, dificilmente sai da sombra do autor de *Vida e Obra*, embora tenha trazido a questão do método crítico para o primeiro plano da abordagem literária, pautando seus textos em concepções teóricas inexistentes no seu interlocutor. É herdeiro direto de T. S. Eliot, mas também deve muito a Jung e Bachelard, embora a leitura desses autores esteja modulada pelas divisas presencistas, que não separam o sujeito pensante do sujeito criador. E, de fato, o Presencismo é a ferrugem nas engrenagens de uma nova máquina crítica importada e remontada por C. Monteiro. Sua rápida menção ao Interseccionismo demonstra bem isso. O crítico o entende como momento situado numa “fase inicial” da poesia de Pessoa, em que existiria no autor um forte compromisso com a cultura nacional e com a necessidade de renovação. Está claro, no entanto, que esse compromisso sempre existiu, e que a heteronímia também pode ser compreendida como resultante dessa mesma necessidade de renovação, isto é, como fuga dos lugares-comuns de seu tempo, como, ademais, pensavam Jacinto do Prado Coelho e Óscar Lopes. C. Monteiro assim afirma, muito colado que está à carta de Pessoa a Côrtes-Rodrigues: “Mas, à falta de ‘Pauis’, uma poesia interseccionista, ‘Chuva Oblíqua’, servirá perfeitamente de elemento de comparação entre o Pessoa que não era ‘sério’ e o outro. Portanto alguma evolução houve.”⁸ Em geral, o que se pode notar é que o assentimento com essa perspectiva evolutiva, inteiramente fornecida por G. Simões, resulta no rebaixamento do papel do Interseccionismo no conjunto da obra de Pessoa. C. Monteiro chega a ponto de afirmar, com flagrante ausência de distanciamento analítico:

Pessoa era, pois, justo com as suas produções deste gênero ao condená-las como ‘atitudes de um palhaço’. Não obstante a dureza excessiva do qualificativo, ele exprime certamente em que plano de esteticismo se realizara a elaboração delas. Era um jogo, só de palavras e da inteligência...⁹

Georg R. Lind põe em marcha esse tipo de descrição em uma leitura fundamental (a segunda das três a que me referi) da obra de Pessoa. A perspectiva de análise adotada por Lind é muito clara: Pessoa começa a sua carreira como crítico, não como escritor, e isso significa que a reflexão sobre a obra de arte precede nele o processo de criação artística. Não é bem verdade. Os três artigos publicados n’ *A Águia* com o título “A Nova Poesia Portuguesa” são sua primeira publicação, mas o poeta, como se sabe, havia começado a escrever bem antes. Apesar disso, é nesses textos que Lind procura, como ele afirma, “a verdadeira intenção” de Pessoa, para depois ler os poemas com eles relacionados.

Partindo dessa premissa, o crítico julga claros, versos que, segundo ele, podem parecer obscuros para o leitor comum, já que teriam sido, nas suas palavras, destilados a partir de um programa previamente concebido. Ora, evidentemente, esse método acaba por afirmar a falta de autonomia estética desses poemas, por considerá-los como exemplos ou aplicação de programas anteriores. Primeiramente Lind se pergunta sobre qual princípio analítico de composição o poeta se baseia, e em seguida busca entender como isso se traduz nos versos que o sucedem. A leitura é projetiva: “Se procuramos dar uma idéia da técnica interseccionista à base do exemplo de ‘Chuva Oblíqua’, é porque a estrutura deste ciclo de poemas não é de modo algum compreensível sem a teoria que lhe está por detrás.”¹⁰ Mas o crítico percebe que o programa não dá conta da poesia, e que essa não se reduz à sua aplicação diligente. É o que fica patente quando, contraditando-se, passa a usar os poemas para compreender a teoria: “Se, não obstante, o considerarmos separadamente, isto deve-se ao fato de o Interseccionismo, tal como o

Paulismo, poder ser interpretado mais facilmente à base dos poemas que lhes servem de modelo.”¹¹ Como conciliar essas afirmações?

Em tempo, a estrutura desse livro é orientada segundo as mesmas dominantes dispostas por G. Simões em *Vida e Obra*. Isso fica patente logo pelo título do capítulo: “Duas Tentativas para o Aperfeiçoamento do Simbolismo: O Paulismo e o Interseccionismo”. Podemos verificar tal similaridade em várias passagens: seja quando Lind afirma que os anos de 1913 e 1917 foram os mais produtivos para o pensamento estético-literário de Pessoa, seja quando transfere o “vago”, a “sutileza” e a “complexidade” (que são qualidades que Pessoa atribuíra aos versos de Pascoaes e de Mário Beirão) para a poesia paúlca de Pessoa. Essa similaridade ainda se manifesta quando o crítico encontra no poema sobre a ceifeira (que, embora não tenha título, e haja, inclusive, um outro poema chamado “Ceifeira”, é sempre referido desse modo) o momento de “evolução plástica” do Paulismo; no momento em que considera o Interseccionismo como “fase de transição entre o Paulismo e as teorias dos heterônimos”¹²; e ainda no modo de descrever vários trechos epistolares e episódios vividos por Pessoa.

O próprio Lind declara essa filiação. Para ele, G. Simões “pôde dizer com razão”: “... as idéias de Fernando Pessoa crítico são como a guarda avançada da sensibilidade de Fernando Pessoa poeta.”¹³

Mais recentemente, a cristalização desse itinerário evolutivo está dada por Robert Bréchon, que, em sua biografia, a despeito da aparência de fluidez de sua escrita, e de dar justo relevo à poesia de Pessoa, repete de modo bastante previsível o percurso evolutivo mapeado por Pessoa e seguido pelos críticos que mencionei. No caso de Bréchon, devemos atentar para o sentido positivista do método: a obra poética evolui na mesma medida em que o indivíduo amadurece. Bréchon enxerga, por exemplo, no “drama estático”, de 1913, “O Marinheiro”, que pode ser lido como peça ou poema, o cumprimento de uma importante etapa de evolução na obra

de Pessoa, por resumir tudo o que veio antes e anunciar “o aparecimento nele de ‘vozes’ novas”¹⁴. É certo que “O Marinheiro” carrega traços, por exemplo, do Paulismo, e que os traços que carrega passam a ser vistos como os essenciais pelo crítico. A generalização que provém desse julgamento deriva, no entanto, mais propriamente da possibilidade de esse texto poder ser lido como o anúncio de “vozes novas”, isto é, como prenúncio dos heterônimos.¹⁵ Por isso, do ponto de vista do método evolutivo, a análise de “O Marinheiro” é conveniente: funciona como elo entre dois momentos diferentes, em que realmente há uma transformação fundamental no transcurso da obra; mas em que sentido é possível chamá-la de evolução? Aparentemente, entender que o que está ali é o resumo do que veio antes e o prenúncio do que virá depois serve como argumento para sustentar a hipótese evolutiva; mas, mais precisamente, o procedimento retórico é justamente o inverso disso: é a hipótese evolutiva que serve de base para essa atribuição de valor. Como faz G. Simões, ao falar em evolução Bréchon entende que a obra progride, melhora.

Bréchon cita a carta a Côrtes-Rodrigues, de 19 de janeiro de 1915, em que, como vimos, Pessoa afirma contundentemente rejeitar seus processos. Note-se que o crítico opta por parafrasear Pessoa:

Mas em 21 de novembro anota para si mesmo o trabalho de aprofundamento que se produziu nele e que o vai desviar do vão desejo de glória, do brilho ilusório da vanguarda, do prazer da provocação e da arte poética considerada jogo. Este texto lhe marca uma nova viragem na vida, viragem por sua vez que vai anunciar outras.¹⁶

É com esses mesmos termos que Bréchon aponta para uma “nova viragem na vida”, em que o poeta se “despede” “de todos esses jogos poéticos (ou seja, do Paulismo e do Interseccionismo), que continuavam as influências e as experiências da juventude”¹⁷. Se o

indivíduo amadurece, parece natural ao crítico que o poeta deva amadurecer também.

Essas são as três obras de fundo da fortuna crítica de Pessoa que geram um efeito de apagamento sobre o Interseccionismo, e que o tratam, em síntese, a partir da rejeição formulada pelo seu autor, como um processo superado e de menor importância.¹⁸

Esses documentos em prosa, se deixados de serem lidos como testamentos, e passarem a serem interpretados como parte integrante da obra, podem, a meu ver, render descrições mais eficientes do que essas que abordei. No caso do Interseccionismo, isso ainda não foi feito de modo mais sistemático. O que temos são críticos que, ou não levaram em conta os termos de recusa expressos nas cartas, ou não os tomaram tão a sério, a exemplo do que decidiram fazer Max Brod, Paul Demeny e Otávio, com as orientações deixadas pelos autores referidos.

Lembro, nesse sentido, dos mais estimulantes. Óscar Lopes sugere em seu ensaio de fundo sobre Pessoa a existência de manifestações interseccionistas em grande parte da obra, em especial na poesia de Campos. Mas, infelizmente, não há espaço naquele seu ensaio para desenvolver essa hipótese de continuidade do estilo.¹⁹ Luciana Stegagno Picchio é autora de uma interpretação precursora das seis partes de “Chuva Oblíqua”, em que sublinha a unidade do texto e o virtuosismo do estilo.²⁰ E José Gil analisa com propriedade uma das partes do poema, levando em alta conta o projeto sensacionista.²¹

III

É preciso que se leia a prosa epistolar de Pessoa com desconfiança. O caráter documental que ela porventura possa ter não exclui a carga ficcional que engendra.

Na conhecida carta a Côrtes-Rodrigues, de onde selecionei o primeiro trecho citado, Pessoa desiste de publicar o “Manifesto Interseccionista”, auto-intitula-se “palhaço” e não julga

sério “Pauis”, que é a primeira palavra e o modo como se referia a “Impressões do Crepúsculo” (poema que saíra há cerca de um ano na revista *A Renascença*). Essas três passagens exprimem o tom desse documento, que tem servido a muitos comentadores do poeta para ilustrar um ponto de vista que está de acordo com o dele. Existem, contudo, passagens nesse mesmo texto que podem ser enfocadas para relativizar o teor de verdade que essa recusa acabou ganhando. Isso ocorre em duas ocasiões.

A primeira delas é um comentário rápido, que soa como parentético no texto da carta, no qual é possível perceber um afastamento de seu autor, como se proviesse de outra pessoa: “Que pouco lúcido e explícito tudo isto!” O poeta, em certa altura da carta, parece, assim, não acreditar na recusa que expressa, seja em relação ao tom do que diz, que chama de “explícito”, seja em relação ao pensamento, que julga “*pouco lúcido*”. Nesse momento, Pessoa justifica-se atribuindo suas declarações a uma “crise”: “E daí a minha ‘crise’ toda.”²²

Outra evidência significativa de que a rejeição ao Interseccionismo teve um caráter muito peculiar, é o fato de o poeta, no final da carta, transcrever “Pauis”. Esse é justamente o texto que, juntamente com o Interseccionismo, o poeta diz recusar. Considerando essas passagens da carta, acredito que possamos começar a estranhar – e é mesmo esse o termo – essa *rejeição* de Pessoa.

Um mês depois, na carta seguinte a Côrtes-Rodrigues, que é remetida já às vésperas da *Orpheu* entrar no prelo, Pessoa retoma seus planos iniciais de publicação, fazendo o seguinte pedido ao destinatário:

Olhe que a revista vai amanhã entrar na tipografia, começar a compor-se. V. tem tempo, mas não perca vapor. Mande quanto possa pelo primeiro. Mande o mais interseccionista que tiver — não as Odes Proféticas por exemplo. Mande coisas do gênero Outro (não tenho aqui cópia) e coisas análogas. NÃO NOS FALTE.²³

Essa carta-telegrama permite enxergar que a recusa do Interseccionismo, que certa vez

pareceu “oco” e “repugnante” ao poeta, teve um caráter momentâneo.

Lembro, com esse propósito, uma outra carta de Pessoa, endereçada a um livreiro inglês, Harold Monro. Vale a pena atentar ao fato de Monro haver lançado em Londres, em 1912, a *Poetry Review*, que, segundo Natan Zach, tinha um apelo a uma “redefinição da função da poesia e a uma libertação dos ‘grilhões da linguagem poética estereotipada’²⁴. Pessoa desejava publicar alguns de seus poemas em Londres, e deixou algumas vezes expressa essa sua vontade. Essa carta é uma dessas tentativas. Faço notar que é significativo que, já tendo escrito todo “O Guardador de Rebanhos”, mais de vinte poemas de Reis, e notáveis poemas de Campos (como “Opiário”, “Ode Triunfal”, “Dois Excertos de Odes” e “Ode Marítima”), e do ortônimo (como “Análise”, “Ó Naus Felizes, que do mar vago” e “Hora Absurda”), Pessoa tenha optado por enviar traduzido, como exemplo de “avanço” em sua poesia, justamente “Chuva Oblíqua”. O poeta expressa isso nos seguintes termos:

I could not, without writing a book and translating close on a hundred pages of poetry, at very least, convey to you any idea of the recent literary movement in Portugal with its complex inclusion and absolute fusion of elements drawn from the four quarters of the intellectual earth (?). To substantiate the observation I made, as to my poems being advanced when they are, I am sending you a translation of the poems called “Slating Rain” (Chuva Oblíqua) contained in the number of ORPHEU which I am sending you by this post.²⁵

Contraditando a recente declaração de recusa, Pessoa manteve a intenção de se traduzir como poeta na Inglaterra justamente através de “Chuva Oblíqua”.

A subvaloração do Interseccionismo pela maior parte dos críticos que dele trataram, e também a sua desconsideração, devem muito ao assentimento com o discurso de denegação formulado pelo poeta, e à passagem apressada pelos seus reveses. É preciso atentar para que, se de fato Fernando Pessoa deixa de dar valor ao Interseccionismo, essa mudança de opinião não ocorre porque exista algo de específico no seu poema central que deva ser superado, já que as

justificativas que o poeta fornece não têm alcance textual, mas psicológico. O que se nota mais claramente é que a leitura desses termos de objeção revela uma atitude seletiva, e definida por um propósito teleológico – o de anunciar a poesia heteronímica. Assim, tendo relativizado a força persuasiva de alguns dos principais textos críticos sobre o tema, e compreendido o caráter muito mais construtivo do que confessional da recusa formulada pelo poeta, acredito que possamos nos aproximar desse estilo poético segundo uma perspectiva mais produtiva do que a que se tem adotado até aqui.

NOTAS:

- 1 Tolstói. *A Sonata a Kreutzer*. Rio de Janeiro: Guimaraes Editores, 1986.
- 2 Amiel. *Diário Íntimo*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- 3 Pessoa, Fernando. *Fernando Pessoa – Correspondência 1905 - 1922*. (Org. Manuela Parreira da Silva). São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Pp. 140-149. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Lisboa, 19 de Janeiro de 1915.
- 4 Pessoa, Fernando. *Páginas Íntimas de Auto-Interpretação*. (Seleção, pref. e notas por Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind). Lisboa: Edições Ática, 1966. Pp.63-64. Manuscrito de 20-11-1914.
- 5 A propósito, Pessoa tinha por hábito deitar por terra todo o restante para enaltecer as qualidades do objeto que pretendia enaltecer. Fez isso com Camões, por exemplo, para tratar de Junqueiro. Esse é um expediente retórico recorrente em sua prosa crítica e teórica.
- 6 Simões, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa — história duma geração*. (6^a. Edição). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991. P. 208.
- 7 Refiro-me, é claro, a Lourenço, Eduardo. *Fernando Pessoa Revisitado* (2^a. ed.). Lisboa: Moraes Editores, 1981.
- 8 Monteiro, Adolfo Casais. *Estudos sobre a Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1958. P. 163.
- 9 Ibid. P. 164.
- 10 Lind, G. R. *Teoria Poética de Fernando Pessoa*. Porto: Editorial Inova, 1970. P. 65.
- 11 Ibid. P. 55.

12 Ibid. P. 55.

13 Ibid. P. 33.

14 Bréchon, R. *Estranho Estrangeiro*. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 1998. P. 176.

15 E de, em outro sentido, tratar de dois temas recorrentes em Pessoa: a idéia de que a vida é sonho, e o medo de poder encontrar a Verdade.

16 Ibid. P. 256.

17 Ibid. P. 257.

18 Existem vários textos que repetem essa clave de leitura que mapeei. José Augusto Seabra, por exemplo, trata da carta a Armando Côrtes-Rodrigues como sendo a expressão de um “impiedoso desencanto” em relação ao estilo interseccionista, e, ao mesmo tempo, de enaltecimento da “nova” poesia. Jacinto do Prado Coelho é um caso à parte, já que seu livro é anterior ao de Simões. Mesmo assim, é significativo o fato de o crítico não tratar do Interseccionismo. Ele se limita a afirmar que a orientação de seu ensaio não permitiu valorizar devidamente a fase a que chama de “modernista” do poeta, e a indicar a leitura que Luciana Stegagno Picchio faz de “Chuva Oblíqua”. Leyla Perrone-Moisés cita a carta para exemplificar um momento de megalomania de seu autor, e refletir sobre a atitude da renúncia, em si mesma, sem estabelecer relação com o que é renunciado.

19 Lopes, Óscar. “Fernando Pessoa”. In *Entre Fialho e Nemésio - Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea II*. Maia: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.

20 Picchio, Stegagno. Luciana. “Chuva Oblíqua: dall’Infinito turbolento di F. Pessoa all’Intersezionismo portoguese”. In *Quaderni Portoguesi* n. 2, Pisa, Outono 1977. Pp.27-63.

21 Gil, J. *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. Pp. 43-65.

22 Pessoa, F. *Fernando Pessoa – Correspondência 1905 - 1922*. Op. Cit. P. 145. Lisboa, 19 de Janeiro de 1915.

23 Ibid. Pp. 150-151. Lisboa, 19 de Fevereiro de 1915.

24 Zach, Natan. *Imagismo e Vorticismo*. In Bradbury, M. & McFarlane, J. *Modernismo – Guia Geral (1890-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P. 188.

25 Pessoa, F. *Fernando Pessoa – Correspondência 1905 - 1922*. Op. Cit. P. 194. A carta não é datada por Pessoa. Manuela Pereira da Silva supõe que seja de 1915.

BIBLIOGRAFIA:

AMIEL. *Diário Íntimo*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

BRÉCHON, R. *Estranho Estrangeiro*. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 1998.

CAMPOS, Álvaro de. *Livro de Versos: Álvaro de Campos* –. Org., pref. e not. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1993.

GIL, J. *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LIND, G. R. *Teoria Poética de Fernando Pessoa*. Porto: Editorial Inova, 1970.

LOPES, Óscar. “Fernando Pessoa”. In *Entre Fialho e Nemésio - Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea II*. Maia: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.

LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa Revisitado* (2^a. ed.). Lisboa: Moraes Editores, 1981.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Estudos sobre a Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1958.

PESSOA, Fernando. *Fernando Pessoa – Correspondência 1905 - 1922*. (Org. Manuela Parreira da Silva). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____, Fernando. *Páginas Íntimas de Auto-Interpretação*. (Seleção, pref. e notas por Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind). Lisboa: Edições Ática, 1966.

PICCHIO, Stegagno. Luciana. “Chuva Oblíqua: dall’Infinito turbolento di F. Pessoa all’Intersezionismo portoghese”. In *Quaderni Portoguesi* n. 2, Pisa, Outono 1977.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa — história duma geração*. (6^a. Edição). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

TOLSTÓI. *A Sonata a Kreutzer*. Rio de Janeiro: Guimarães Editores, 1986.

ZACH, Natan. *Imagismo e Vorticismo*. In Bradbury, M. & McFarlane, J. *Modernismo – Guia Geral (1890-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.